



Rafael Queiroz

OS TÍTULOS QUE FIZERAM MINHA CABEÇA

Um dos juristas do primeiro time e homem de cultura, Ives Gandra Martins fala sobre obras que influenciaram a sua formação e inclinação pelo direito Natural

Formado em 1958 pela Faculdade de Direito da USP, Ives Gandra da Silva Martins é autor de mais de 50 livros, além de co-autor de outros 200 títulos. Publicou centenas de artigos sobre direito, economia, filosofia, literatura, sociologia e música em veículos nacionais e internacionais.

Já gostava de história quando ingressei na faculdade, principalmente a história greco-romana. Sucedi na Academia Paulista de História o professor com que estudei essa disciplina: Eduardo França lecionava na USP e era um apaixonado pelo tema. Desde o início, quando comecei a estudar direito, houve uma opção nítida pelo direito natural e um encaminhamento para a filosofia. A minha própria formação – de amor aos cretenses, jônios, dórios, formadores da civilização grega – me levou a um estudo mais profundo da filosofia grega. Hoje sou membro da Academia Brasileira de Filosofia e, no meu discurso de posse, procurei mostrar a importância do pensamento filosófico dos gregos.

A medida que me aprofundava nos estudos de direito, economia, filosofia, sociologia e política, deixei um pouco a literatura – teatro, romances, contos, poesia – para ficar mais com reflexões sobre os autores dessas áreas. Mas escrevo poesia desde criança e toda minha obra poética tem um sentido de ideias

mesmo. Sempre busquei um ideal, desde moleque. De alguma forma isso me influenciou muito.

Os bons costumes

O direito natural – aquele direito inato – não é um direito criado pelo Estado. Cada ser humano tem o seu direito, já nasce com cada um de nós, algo como a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Tinha essa visão desde o primeiro ano do curso. Nesse sentido, alguns autores e obras me impressionaram bastante, como Johannes Messner e *A Ética Social*; Jacques Maritain, que, do ponto de vista filosófico, também influenciava o direito natural; e ainda Francisco Javier Hervada. No Brasil apreciava não só o jurista Miguel Reale como também o filósofo Miguel Reale e a sua filosofia do direito. Além de ter sido seu aluno, fomos amigos. Após o falecimento de Miguel Reale [1910-2006], eu o substituí na Academia Brasileira de Filosofia.

A linha condutora desses autores é o que de fato me impressionava. Havia

em suas obras uma busca pela ética. Era filosofia, mas não como ciência de especulação sem rumo. A função do filósofo é especular, procurar a verdade. E tenho a impressão de que há um condutor ético nas obras. Immanuel Kant falava sobre o imperativo categórico, já eu tenho a impressão de que internamente todos temos um imperativo ético. Mesmo o pior criminoso do mundo, em determinadas circunstâncias, pode apresentar um imperativo ético em sua vida.

O direito natural é fundamentalmente de ética. Todos entendemos que há direitos que nascem com o ser humano, são inatos a cada indivíduo e não é possível não reconhecer tais direitos. A própria palavra ética vem de “ethos”. É interessante essa vinculação: a ética vem da expressão grega “ethos”, que significa costumes – e que se interpreta por “bons costumes”.

De Machado a Jean Coucteau

Quando era jovem gostava muito de literatura. E gosto até hoje. Os livros da minha infância e juventude eram to-

dos de aventura. Li a obra completa de Júlio Verne. Naquela época não havia TV. Portanto, a leitura era obrigatória. Quando nasci, em 1935, todo jovem lia. Gostava especialmente da literatura brasileira. Apreciava os poetas, principalmente os românticos. Tinha 14 anos quando li *Os Lusíadas* e a obra completa de Camões – sonetos e redondilhas. Além dele, li os poetas portugueses Antero de Quental e Fernando Pessoa. Mais tarde comecei a me interessar por autores nacionais, principalmente a fase indianista de José de Alencar. Destaco a leitura de *Senhora*. Mas foi Machado de Assis quem mais me marcou – li a sua obra completa, a poesia, os romances e os contos.


Gosto de cinema, mas não tenho mania de ver filmes. Houve um período em que gostava mais de filmes de reflexão, meditação ou de poesia incontida, como, *A Bela e a Fera* [1946], do Jean Cocteau. Ou ainda, do mesmo diretor, *Orfeu* [1950] – que entra no mundo dos infernos através do espelho. Eram filmes com diálogos muito interessantes. O melhor filme da minha época de juventude não teve sequer tradução em português: *Si Tous les Gars du Monde* [1956], do diretor Christian Jaque. Esse filme tem a maior mensagem ética que já vi. Aborda os tempos de guerra e o radioamador. Um barco francês navegava pelo Mar do Norte com 11 franceses e um argelino maometano. A tripulação havia comido presunto e ficou intoxicada. Só o muçulmano não comeu, por força da religião, e assim não se intoxicou. Um dos diálogos mais bonitos acontece quando um soldado americano está tentando levar remédio para os tripulantes, mas é pego pelo governo soviético. O comandante soviético diz: “Por que vocês, americanos, pensam que podem ser os únicos bons no mundo?” No final, quem consegue levar o remédio e salvar os franceses é o muçulmano, justamente o mais contestado por todos – aquele que salva os 11 companheiros. Além disso, o próprio nome do filme é bonito – se todos os homens do mundo fizessem uma cadeia solidária dessas, o mundo certamente seria melhor. Isso demonstra que, mesmo naquela época de Guerra Fria, é sempre possível superar pela integração. Esse filme foi famosíssimo na

França, mas não se encontra em lugar nenhum aqui. Tenho uma versão em francês.

Sobre o eterno tema da luta do bem contra o mal, gosto da abordagem em filmes espaciais. Tenho mais de 700 episódios das cinco gerações de *Jornada nas Estrelas*, em inglês, porque em português só há a primeira geração. Outro filme de que gostei foi *Um Fio de Esperança* [1954], com John Wayne. Enfim, gosto de filmes que contenham mensagens. Mas, em geral, vejo pouco. Prefiro ler e ouvir música.

Ler mais, para não se cansar

Atualmente estou lendo diversas obras ao mesmo tempo. Estou terminando o Milton Friedman e já cheguei à metade do 2º volume da *História Universal da Economia*, de Valentín Vásquez de Prada, um economista espanhol. Costumo ler diversos livros ao mesmo tempo para não me cansar – aprendi com o Humberto de Campos. E leio toda noite, pelo menos 15 minutos. Quando se está cansado, há uma técnica para poder mais bem aproveitar a leitura. Uma das formas é ler duas ou quatro páginas, no máximo, e então mudar de livro. Nos sábados e domingos em que posso, pego um livro e o leio inteiro, de uma vez.

Estou lendo ainda *Cultura Paulista*, escrito pelos 41 autores da Academia Paulista de Letras. De John Rawls, um filósofo do Direito, *Democracia e Justiça e Democracia e Liberdade* – uma reanálise do livro *Uma Teoria de Justiça*, também dele. O livro foi muito criticado e agora Rawls tenta rebater as críticas fazendo essa reanálise da sua própria teoria sobre a Justiça. Por fim, sempre leio algum livro de artes, desses de coleções, mas leio mesmo, não vejo apenas figuras. Gosto de saber qual é a interpretação das obras. No momento estou com uma coleção sobre a história universal através da fotografia nos últimos 150 anos. É extremamente interessante pois as legendas sempre examinam os fatos num contexto mundial. Estou na década de 70 do século XX. E, acompanhando cada fotografia, há também um fato. Fascinante. Bom, essas são algumas das minhas leituras. 

[Depoimento recolhido por Gabriella de Lucca]



Um volume de poesias do próprio Ives, *O Livro de Ruth* (no alto), abre algumas de suas preferências. Um dos tomos da monumental *História de la Filosofia*, de Guillermo Fraile; *Cuatro lecciones de derecho natural*, de Hervada e as *Lições Preliminares de Direito*, de Miguel Reale. Boas lições ele tira também de filmes como *Si tous les gars du monde* e da série *Star Trek*.